

O sítio arqueológico da Vala, Silves: Paleolítico Superior e Neolítico Antigo

GERTRUDES ZAMBUJO
ALEXANDRA PIRES

R E S U M O

Apresentam-se aqui os resultados das escavações arqueológicas que tiveram lugar no sítio da Vala (freguesia e concelho de Silves). O sítio foi descoberto aquando da aplicação das medidas de minimização preconizadas no EIA do IC 4 – Via do Infante, Sublanço Alcantarilha/Lagoa. Localiza-se numa pequena plataforma sobranceira ao vale da antiga lagoa que deu nome à povoação epónima. A potência estratigráfica varia entre 30 e 150 cm. Os níveis superiores são arenosos e os mais profundos silto-arenosos. A densidade de materiais é baixa, pelo que a jazida paleolítica original deve ter sido dispersa em ambiente de baixa energia no final do Plistocénico, antes da acumulação dos coluviões com materiais neolíticos. Da tipologia da indústria lítica (pequenas pontas crenadas de dorso, lamelas de dorso e pontas de dorso curvo espesso) e dos fragmentos cerâmicos recolhidos (um dos quais com decoração incisa), podem reconstituir-se ocupações no local durante o Solutreo-Gravettense e o Neolítico Antigo.

A B S T R A C T

This paper presents the results of the archaeological excavations undertaken at Vala (Silves, Algarve). The site was discovered during survey work conducted as a mitigation measure recommended by the environmental impact assessment of the projected highway linking Alcantarilha and Lagoa. It is located at the top of a gentle-sloping platform that dominates the northern bank of the Pleistocene lagoon of Lagoa. The thickness of deposits varies between 30 and 150 cm. The upper levels are sands and the lowest silty sands. Artifact density is low, probably as a result of dispersion caused by the action of a low-energy eroding agency. This process must have occurred at the end of the Pleistocene, before the accumulation of the overlying Holocene slope deposits, which contain diagnostic Neolithic objects. The lithic assemblage (with small shouldered backed points, backed bladelets and microlithic curved backed points) and the pottery sherds (one with Neolithic “boquique” decoration) suggest that the site was occupied in Solutreo-Gravettian and Early Neolithic times.

1. Preâmbulo

O sítio arqueológico da Vala foi descoberto em Junho de 1997, na sequência da aplicação das medidas de minimização preconizadas no Estudo de Impacte Ambiental do IC 4 - Via do Infante, Sublanço Alcantarilha/Lagoa.

A primeira intervenção no local teve lugar em Junho/Julho de 1997, tendo sido encontrados materiais líticos cuja cronologia apontava para o Paleolítico Superior e para o Neo-Calcolítico. Dada a relevância regional destes achados, realizou-se uma segunda intervenção no local em Outubro/Novembro de 1997, subsidiada pelo Instituto Português de Arqueologia e com o apoio técnico e logístico da Câmara Municipal de Silves e do Senhor António Mendes Borralho, proprietário do terreno.

Esta segunda intervenção teve como objectivo caracterizar as ocupações pré-históricas do local, apresentando-se agora os resultados finais das duas campanhas, que foram da responsabilidade científica das signatárias.

O sítio arqueológico da Vala localiza-se numa plataforma com cota média de cerca de 62 metros (acima do nível do mar) e domina os terrenos da antiga lagoa plistocénica, actualmente preenchida por aluviões hologénicos. O lugar mais próximo é Lobito, freguesia e concelho de Silves, e as suas coordenadas geográficas são de $8^{\circ}025'18''$ de Longitude e $37^{\circ}8'58''$ de Latitude (ver Fig. 1).

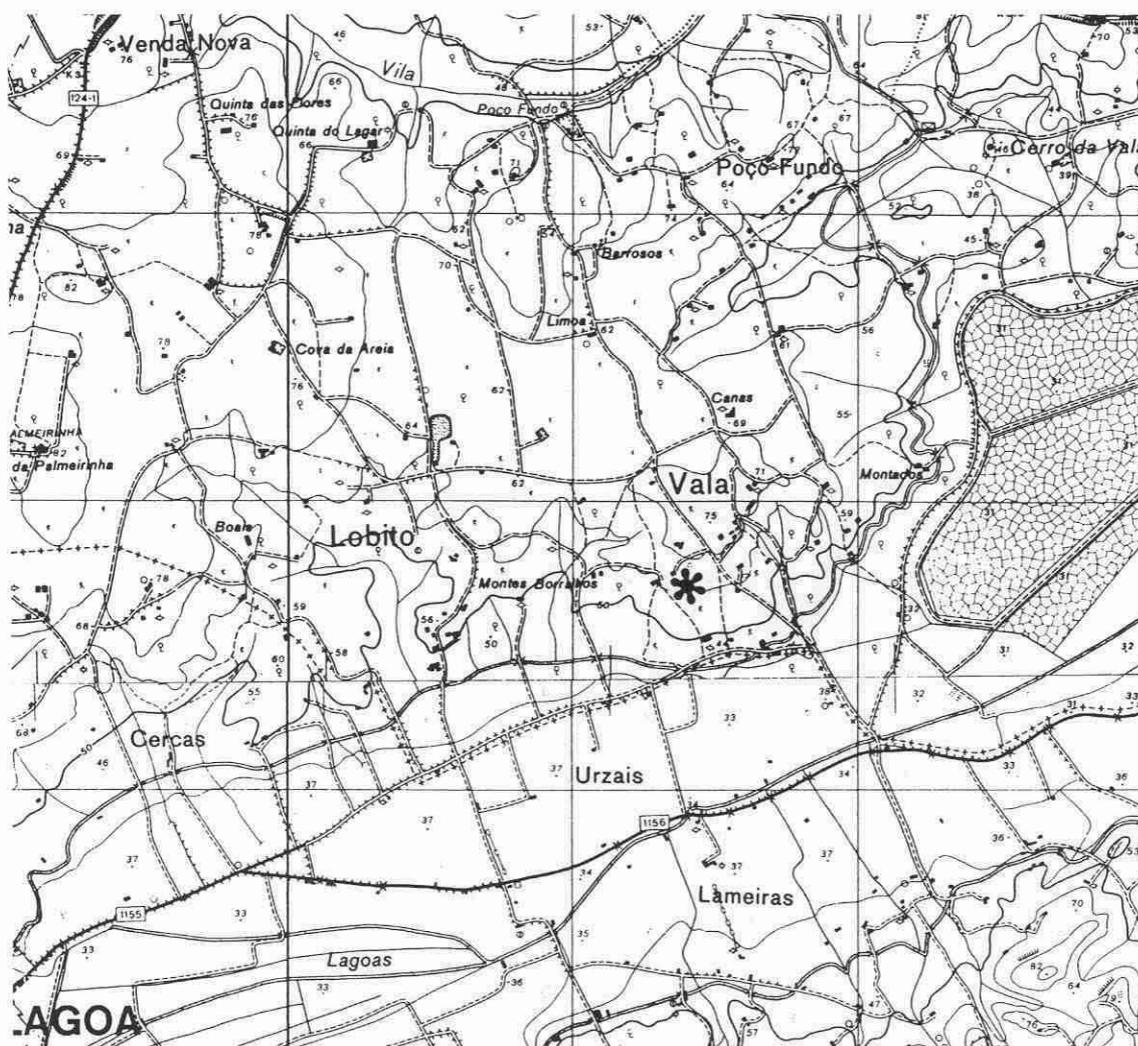


Fig. 1 Localização do sítio da Vala na carta militar de Portugal n.º 595, esc. 1:25 000 (red.).

Ao longo das duas campanhas de escavação foram abertas várias sondagens de 1x1m, com o objectivo de determinar qual ou quais as áreas com maior densidade de materiais. Devido à extensão da área, a quadrícula teve de ser dividida em vários sectores, a partir de dois eixos perpendiculares (ver Fig. 2). As sondagens onde se verificava uma maior concentração de materiais arqueológicos e onde a estratigrafia estava melhor conservada foram subsequentemente ampliadas para se tentar obter uma amostra industrial representativa.

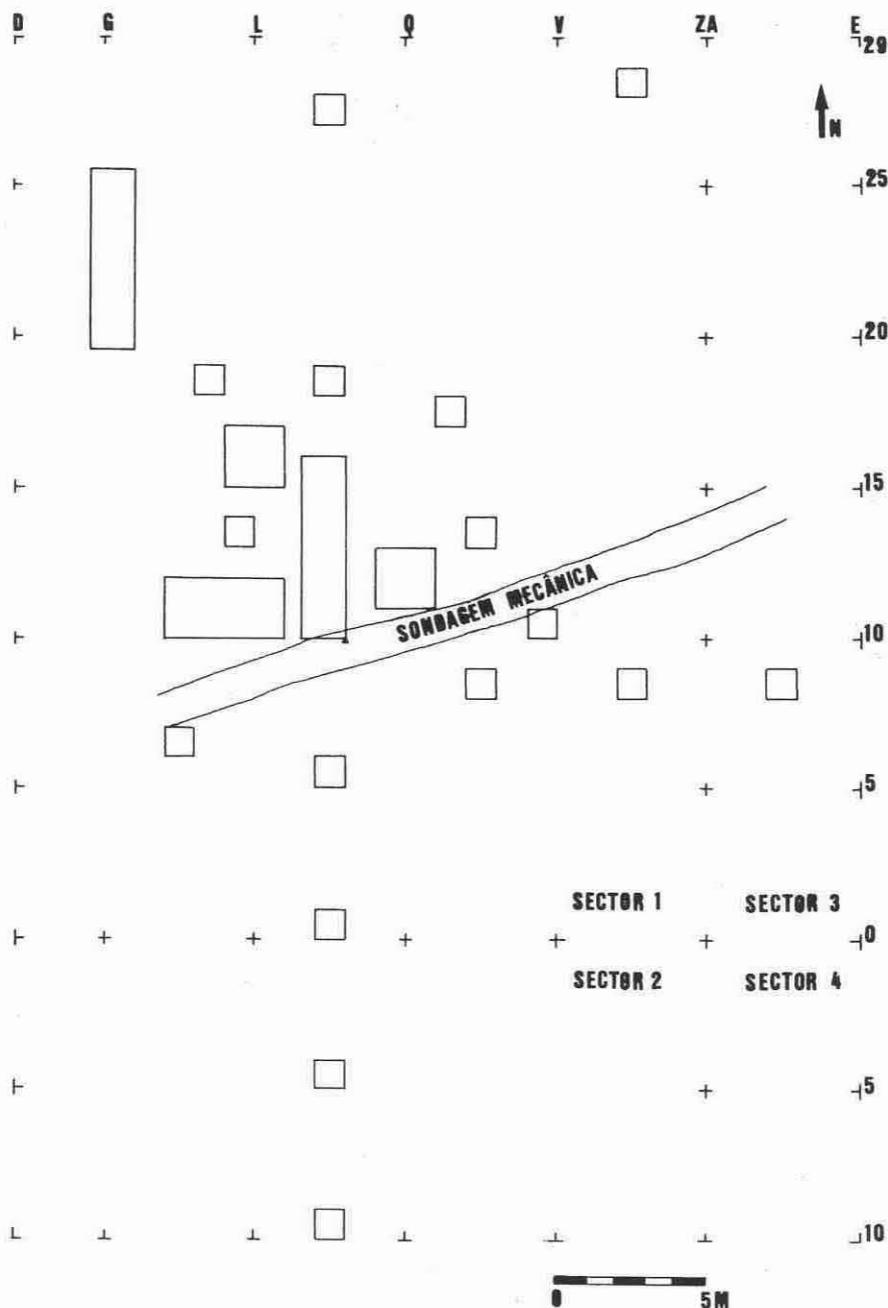


Fig. 2 Planta das várias sondagens abertas.

□ Sondagens arqueológicas de 1m x 1m.

▲ Estaca 3+485 da JAE

2. Estratigrafia

O substrato geológico do sítio da Vala são as chamadas areias e cascalheiras de Faro e Quarteira, caracterizadas principalmente pela presença de areias siltosas ou argilosas, com alguns seixos dispersos, e argilas.

A análise pormenorizada da estratigrafia observada nas várias sondagens arqueológicas abertas no local desde logo revelou a sua complexidade. As diferenças que as várias camadas apresentavam, tanto ao nível da composição como da cor e compactidade, eram mínimas. Por outro lado, a potência arqueológica que o depósito apresenta é muito variável. Na zona dos quadrados X 28, N 27 e G 24 do Sector 1, N 10 do Sector 2 e C 8 do Sector C, as argilas de base encontravam-se a uma profundidade que variava entre os 10 e os 50 cm, enquanto na zona dos quadrados N 10 a N 15 ou K10 a K16 do Sector 1, o depósito arenoso onde estavam embalados os materiais arqueológicos atingia cerca de 170 cm.

Nesta última área foi possível identificar as várias camadas que a seguir se descrevem (ver Fig. 3):

camada 0 - composta por areias finas e saibro fino, com seixos de quartzo e quartzito de pequenas dimensões, apresentando algumas bolsas de argila vermelha, muito perturbada por raízes, de compactidade macia e cor castanho forte (Munsell 7.5 YR 5/6);

camada 1 - composta por areias finas e grossas ligeiramente argilosas e saibro fino e grosso, com poucos seixos de quartzo e quartzito, de compactidade solta e cor amarelo avermelhado (Munsell 7.5 YR 6/6);

camada 2 - composta por areias finas e pouco saibro fino e grosso, com alguns seixos de quartzo e quartzito e elementos ferruginosos, de compactidade macia e cor vermelho amarelado (Munsell 5 YR 4/6);

camada 3 - composta por areias finas, saibro grosso e fino, muitos veios de argila avermelhados com 2 a 4 cm de espessura, compactos, e com elementos ferruginosos, de compactidade solta e cor vermelho amarelado (Munsell 5 YR 5/8);

camada 4 - areias muito argilosas com saibro fino e areão, alguns seixos de quartzito e veios de argila, de compactidade solta e cor amarelo avermelhado (Munsell 7.5 YR 6/6);

camada 5 - argilas de base avermelhadas.

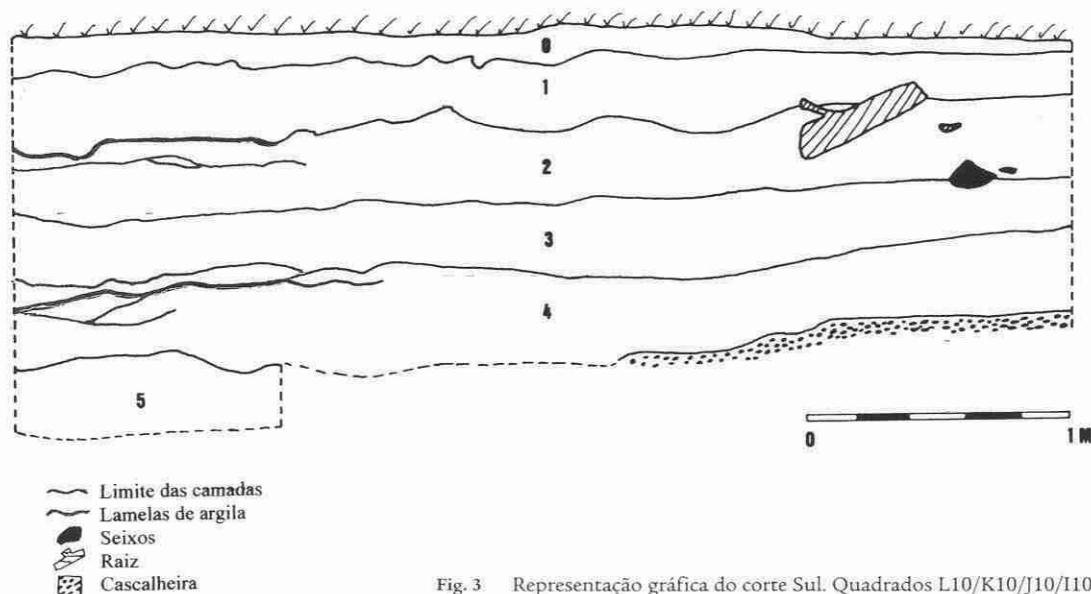


Fig. 3 Representação gráfica do corte Sul. Quadrados L10/K10/J10/I10.

Na fase final dos trabalhos, e a fim de tentar compreender globalmente a estratigrafia do sítio, optámos pela abertura, por meios mecânicos, de uma vala com cerca de 30 m de comprimento e cerca de 2,5 m de profundidade (ver Fig. 2). A abertura da vala permitiu verificar a enorme irregularidade na potência das camadas naturais descritas acima, e confirmar que, tanto para Este como para Oeste, as argilas de base se encontravam quase à superfície. A cuidadosa observação dos cortes não permitiu identificar qualquer concentração de materiais (apareceram somente duas lascas e um resíduo de golpe de buril em sílex). Aproveitou-se ainda a ocasião para escavar cerca de 50 cm nas argilas de base, que se revelaram arqueologicamente estéreis.

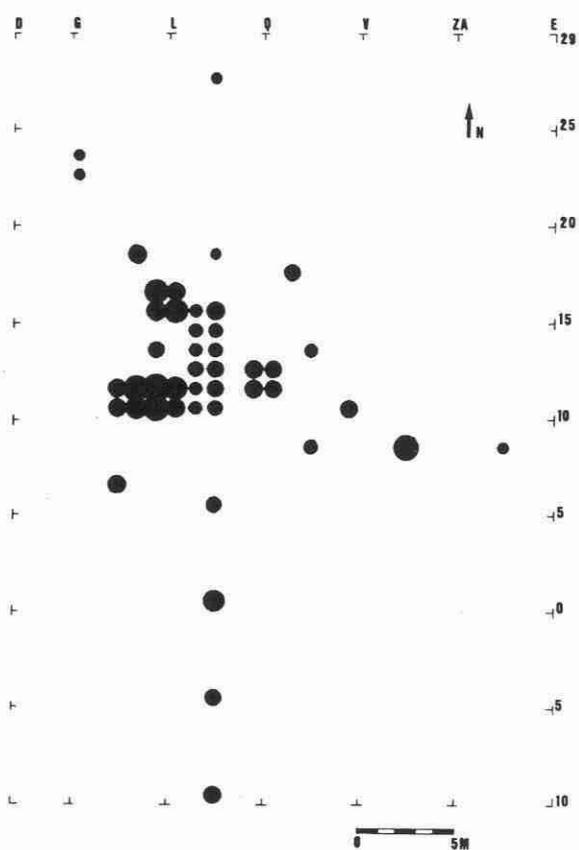


Fig.4 Dispersão espacial dos materiais líticos.

- Igual a 67 peças.
- Igual a 3 peças.

Perante estes dados, podemos tirar as seguintes conclusões:

- os quadrados X 28, N 27 e G 24 do Sector 1, N 10 do Sector 2 e C 8 do Sector 3, onde as argilas estão praticamente à superfície, correspondem ao limite da área onde se encontram os materiais arqueológicos (esta ideia, é de resto, reforçada pelos resultados obtidos com a abertura da vala);
- os materiais arqueológicos ter-se-ão acumulado numa depressão que se terá formado nas argilas, possivelmente por acção de uma antiga linha de água, a julgar pelos vestígios de uma cascalheira de seixos de quartzo que foi identificada na base de alguns quadrados;
- a componente argilosa dos sedimentos acentua-se à medida que a escavação avança em profundidade, acabando o depósito por assentar directamente em argilas (arqueologicamente estéreis), ou sobre a cascalheira, pouco espessa, sobrejacente às argilas.

3. Análise espacial dos materiais arqueológicos

Durante a escavação do sítio exumaram-se materiais arqueológicos que, pela sua natureza (indústria lítica de dorso típica do Paleolítico Superior, e fragmentos de cerâmica com decoração incisa, característica do Neolítico Antigo), apontavam para a existência de pelo menos dois momentos culturais distintos. Assim, procedeu-se à sua análise espacial para verificar até que ponto estes dois momentos eram individualizáveis no registo arqueológico.

mos se encontram agora depositados (uma vez que não há uma selecção dos materiais líticos por tamanho), tendo os mesmos sido dispersos em ambiente de baixa energia no final do Plistocénico. A ocupação neolítica, esparsa, ocorreu posteriormente, sobre a superfície plistocénica, perturbando a sequência sedimentar preexistente. Em época pós-neolítica, o conjunto foi recoberto por coluvionamento.

4. Materiais arqueológicos

Os materiais arqueológicos recolhidos durante a escavação do sítio podem agrupar-se em duas categorias distintas: cerâmicas e pedra lascada.

O conjunto cerâmico é composto por 57 fragmentos, entre os quais há a destacar cinco bordos, um fragmento com decoração incisa (ver Fig. 6) e três fragmentos com cordões plásticos.

O estado fragmentário desta colecção impede a sua análise pormenorizada. Ainda assim é possível adiantar as suas características gerais: as pastas são friáveis; a textura é arenosa ou xistosa, com inúmeros elementos não plásticos, por vezes bastante grosseiros (há casos de grãos de quartzo com mais de 4 mm); a cozedura é essencialmente oxidante; não é possível determinar com rigor se houve ou não tratamento da superfície, pois esta encontra-se em muito mau estado (em vários fragmentos são visíveis os negativos de elementos não plásticos, entretanto desprendidos).

Os bordos encontrados não são passíveis de reconstituição devido à sua reduzida dimensão, parecem no entanto corresponder a vasos fechados, de tipo esférico ou globular.

Entre as cerâmicas decoradas, regista-se a presença de três fragmentos, que parecem ter decoração mamilada, mas a mesma encontra-se bastante deteriorada, dificultando a sua correcta percepção, e outro fragmento que parece corresponder a um globular (ver Fig. 6).

Este último apresenta duas faixas curvas obtidas por puncionamento arrastado (“boquique” neolítico) sob uma faixa recta horizontal obtida com a mesma técnica. Apresenta ainda uma pequena franja abaixo da junção das referidas faixas curvas, executadas igualmente por puncionamento arrastado. É possível integrá-lo no Neolítico Antigo, através dos paralelos de Cueva del Parralejo, Cueva de la Dehesilla e Cueva Chica (Pellicer, 1981), na Andaluzia Oriental.

A ocupação do Barlavento Algarvio neste período está, de resto, documentada em sítios como a Caramujeira (a cerca de 5-6 km da Vala) onde aparecem decorações plásticas e cerâmicas impressas não cardiais, ou a Cabranosa (em Sagres), onde existem sobretudo cerâmicas cardiais.

Ao inventário da indústria lítica, que é apresentado no Quadro 1, foram subtraídos os materiais obviamente neolíticos: uma lamela proximal de retoque simples marginal, que apresenta a face dorsal com nervuras muito regulares, quase paralelas, os bordos paralelos logo a seguir à zona do talão, talão bem marcado e visível em vista de perfil; um fragmento de mó (granito?), de reduzidas dimensões e que apresenta uma das faces completamente polida.

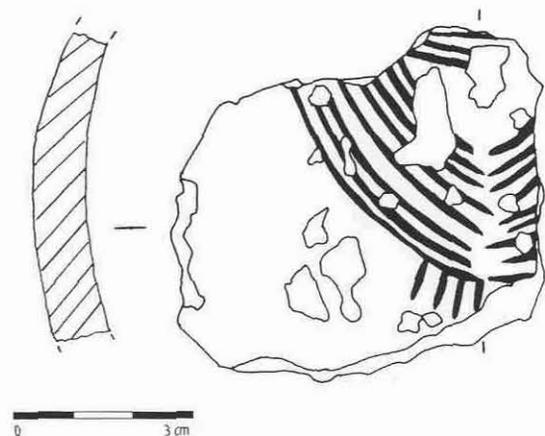


Fig. 6 Fragmento de cerâmica decorado por puncionamento arrastado (“boquique” neolítico).

A restante indústria lítica foi analisada em conjunto devido às características deste depósito, que já tivemos oportunidade de referir aquando da análise da dispersão espacial dos materiais.

No Quadro 1 destaca-se o reduzido número de peças recolhidas (1215) - especialmente se tivermos em conta que foram abertos 44 quadrados e que os níveis com materiais arqueológicos tinham uma espessura média de 1,20 m.

No que diz respeito às matérias-primas, e porque nem sempre é fácil classificar correctamente as rochas siliciosas, optou-se por agrupá-las todas com o sílex. Neste grupo há a destacar o uso de algumas rochas (quartzitos?) de grão muito fino, que produzem gumes tão afiados como o sílex.

As rochas mais utilizadas na debitação da indústria lítica foram o sílex e o quartzito ambos com 40% do total da amostra. Para além destas duas matérias-primas, estão ainda representados o quartzo, com 13%, e o filito, com 7%. Esta última rocha, que se pode encontrar no Barlavento Algarvio, tem uma xistosidade muito acentuada e grão muito fino (Costa, 1985, p.161) sendo até ao momento pouco conhecida nos inventários líticos. O sílex é também a matéria-prima mais utilizada para o fabrico dos utensílios: em 49 peças, há somente uma lasca retocada e um denticulado de quartzito, e cinco seixos talhados em filito.

Esta amostra caracteriza-se pelo elevado número de lascas, que totalizam 60% da indústria, e onde as lâminas estão escassamente representadas (não chegando a 1%).

Quadro 1 – Inventário da indústria lítica da Vala

	Sílex	Quartzo	Quartzito	Filito	Outros	Total
Flanco de Núcleo	3		1			4
Lamela de Crista	1					1
Lascas Corticais	14	4	17	4		38
Lascas Parcialmente Corticais	84	36	197	33	1	351
Lascas Não Corticais	117	44	164	15	3	343
Lâminas	7		3			10
Lamelas	54	2	7			63
Esquírolas	131	68	70	20		288
Fragmentos Inclassificáveis	21	1	9	3	1	35
Resíduos de Golpe de Buril	5					5
Núcleos (e fragmentos de)	10	5	10	1		26
Utensílios (e fragmentos de)	40		2	5	1	48
Outros			1			1
Total	487	160	481	81	6	1215

Destas últimas, pelo menos quatro são ultrapassadas e de perfil torcido, o que nos leva a pensar que a sua produção terá tido um carácter mais accidental do que intencional.

Esta ideia sai reforçada se analisarmos as dimensões das sete lâminas de sílex: a largura média situa-se nos 1,34 cm e a espessura nos 0,5 cm. Ou seja, são lâminas em que a largura média obtida está muito próximo do valor que habitualmente se utiliza para distinguir as lâminas das lamelas (1,20 cm).

Da análise tecnológica das lâminas de sílex apuraram-se os seguintes resultados: três são inteiras, três são proximais e um distal; quatro não têm córtex e três são parcialmente corticais; a secção é triangular em três peças e rectangular em quatro. Só quatro lâminas têm talão labiado e uma delas tem vestígios de abrasão da cornija.

Há também três lâminas de quartzito, sendo duas inteiras e uma proximal e nenhuma delas apresentava córtex. O talão é liso em todas sem indícios de abrasão da cornija ou labiado, e a secção é triangular em todas.

A média de largura das lâminas de quartzito é ligeiramente superior às de sílex, situando-se nos 1,60 cm. A espessura média situa-se nos cerca de 0,72 cm.

Ao contrário das lâminas, as lamelas estão bem representadas, atingindo 5% do total da indústria. O seu estado de fragmentação está representado na Quadro 2, onde há um claro domínio das lamelas proximais, que totalizam quase metade da amostra.

O facto de só 15 lamelas apresentarem vestígios de córtex leva-nos a pensar que estas seriam obtidas somente na fase plena da debitagem.

A consulta do Quadro 3 dá-nos uma ideia dos vários tipos de talões identificados nas várias matérias-primas, sendo predominantes os lisos. No labiado foi identificado em sete das 33 lamelas de sílex onde era possível analisar este atributo.

Estado	Sílex	Quartzo	Quartzito	TOTAL
Inteiras	8	1		9
Proximais	25	1	3	29
Mesiais	10		4	14
Distais	11			11
TOTAL	54	2	7	63

Talão	Sílex	Quartzo	Quartzito	TOTAL
Cortical	1		1	2
Liso	24		2	26
Facetado	3			3
Linear	1	2		3
Punctiforme	2			2
Esmagado	2			2
TOTAL	33	2	3	38

Relativamente à secção, ela reparte-se entre as trapezoidais (31 peças) e as triangulares (23 peças). Devido à pouca representatividade das peças onde era possível determinar o perfil (oito), este não foi analisado. A análise da morfologia dos contornos foi feita sobre as peças inteiras e mesiais (ver Quadro 4) e onde os bordos paralelos são os mais representados.

A análise dos atributos métricos não revelou diferenças significativas entre lamelas inteiras, proximais, mesiais e distais, pelo que os resultados serão apresentados em conjunto. Assim, no que respeita ao comprimento (que só foi medido nas inteiras), a média a que se chegou foi 2,02 cm (tendo a lamela mais pequena 1,36 e a maior 3,12 cm de comprimento). A largura e a espessura (medidas em todas as peças), são em média de 0,78 cm (a mais larga mede 1,16 cm e a mais estreita 0,36 cm) e de 0,25 cm (a mais espessa tem 0,53 cm e a menos 0,11), respectivamente.

Quadro 4 – Formas dos bordos das lamelas

<i>Forma dos Bordos</i>	<i>Inteiras</i>	<i>Mesiaís *</i>	<i>TOTAL</i>
Paralelos	4	7	11
Convergentes	1	1	2
Irregular	3	1	4
TOTAL	8	9	17

* Houve um fragmento de lamela mesial em que foi impossível determinar a forma dos bordos.

A partir destes resultados obtidos para os restos de debitação, parece-nos ser de salientar a tendência para a obtenção de suportes lamelares, que como podemos ver pela análise do Quadro 5, são também os preferencialmente utilizados para o fabrico dos utensílios, onde, em 48 exemplares, 27 são feitos sobre lamelas e somente dois sobre lâmina.

Quadro 5 – Suportes da utensilagem

<i>Grupo Tipológico</i>	<i>Lascas</i>		<i>Lâminas</i>		<i>Lamelas</i>		<i>Nucleiformes</i>		<i>TOTAL</i>		<i>TOTAL</i>
	<i>S/C</i>	<i>C/C</i>	<i>S/C</i>	<i>C/C</i>	<i>S/C</i>	<i>C/C</i>	<i>S/C</i>	<i>C/C</i>	<i>S/C</i>	<i>C/C</i>	
Raspadeiras	1	1	1	-	-	-	-	-	2	1	3
Utensilagem Solutrense	-	-	-	-	1	1	-	-	1	1	2
Utensilagem Comum	1	1	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Utensilagem Lamelar	-	-	-	-	20	2	-	-	20	2	22
Diversos	9	1	-	1	3	1	-	5	12	8	20
Total	11	3	1	1	23	4	-	5	35	13	48

S/C – Sem Córtex, C/C – Com Córtex

O Quadro 6 mostra-nos os vários tipos de núcleos recolhidos na Vala. O primeiro aspecto a destacar é a diferença existente entre os núcleos de sílex e os de quartzito ao nível das dimensões. Nos primeiros a média do comprimento máximo situa-se nos 2,67 cm; nos de quartzito, este valor situa-se nos 6,32 cm. Os de sílex são, deste modo, praticamente explorados até à exaustão, enquanto os de quartzito são abandonados com um volume ainda considerável.

Quadro 6 – Tipologia dos núcleos

	<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Filito</i>	<i>TOTAL</i>
Nódulo debitado			1		1
Informe	2	1	4	1	8
Prismático c/ 1 P.P.*		2			2
Prismático C/ 2 P.P.* Opostos	2				2
Prismático c/ 2 P.P.* Alternos	2				2
Prismático C/ P.P.* Múltiplos	1				1
Sobre Lasca	2		1		3
Fragmento	1	2	2		5
Chopper/Chopping Tool			1	1	2
TOTAL	10	5	9	2	26

*P.P. – Planos de Percussão

Enquanto os núcleos de quartzito foram utilizados exclusivamente para a extracção de lascas, os de sílex, quartzo e filito apresentam negativos quer da produção de lamelas, quer de lascas (sete núcleos para lamelas e 19 para lascas). Estes números estão de acordo com o elevado número de lascas e a boa representação das lamelas que caracteriza esta indústria.

A preparação dos planos de percussão foi identificada somente em dez dos 26 núcleos. Assim, nos de sílex, três apresentam o plano de percussão preparado por facetagem, e dois são lisos. Nos de quartzito há um liso e um cortical; nos de quartzo há dois lisos, e em nenhum deles foram encontrados vestígios de abrasão da cornija.

Estes dados parecem confirmar os resultados obtidos para os talões das lamelas, onde o talão liso era o mais frequente e onde se encontraram algumas lamelas com talão facetado. Os restantes atributos dos núcleos podem ser consultados no Quadro 7.

Entre os núcleos de quartzito há dois que, após terem servido para a extracção de lascas, apresentam sinais de utilização como percutores.

Quadro 7 – Atributos dos núcleos					
	Sílex	Quartzo	Quartzito	Filito	TOTAL
Defeitos					
0-Sem defeitos	1			1	2
1-Clivagens	1	5			6
2-Geodes	1		2		3
3-Ressaltos	4		6	1	11
3+1-Ressaltos e clivagens	2		1		3
3+2-Ressaltos e geodes	1				1
Córtex					
0-Sem córtex	2	1	2		5
1-Com córtex de alteração	4				4
2-Com córtex de alteração Rolado	4			1	5
3-Com córtex de Seixo		4	7	1	12
Supporte					
Bloco	6	5	8	2	21
Lasca	4		1		5
Calcinados					
Sim	1				1
Não	8	5	9	2	25

Quadro 8 – Lista tipológica da utensilagem da Vala

<i>Número</i>	<i>Tipo</i>	<i>Nº de Peças</i>
1a	Raspadeira simples sobre extremo de lâmina a)	1
1b	Raspadeira simples sobre extremo de lasca a)	1
2b	Raspadeira atípica sobre extremo de lasca b)	1
26	Microfurador	1
51c	Fragmento terminal de lamela pontiaguda de dorso rectilíneo	2
72a	Ponta crenada (ou de pedúnculo lateral)	2
74	Entalhe sobre lasca	1
75	Denticulado sobre lasca	1
85	Lamela de dorso	9
85f	Fragmento de lamela de dorso	5
88	Lamela denticulada	1
90b	Lamela de Areeiro	1
90c	Lamela de dorso marginal	4
90a	Ponta microlítica de dorso curvo (ponta azilense)	1
92a	Peças* com retoque irregular, descontinuo ou atípico	5
92b	Fragmento de peça retocada	7
92e	Seixo ralhado	5
	TOTAL	48

a) em sílex

b) sobre lasca cortical (de matéria-prima indeterminável)

*) uma lâmina, uma lamela e três lascas

Para a classificação tipológica dos utensílios utilizou-se a lista-tipo proposta por Zilhão (1997, vol. 2, p. 33-34), podendo a listagem da utensilagem recolhida na Vala ser consultada no Quadro 8. Salienta-se o reduzido número de raspadeiras, o domínio das lamelas ou fragmentos de lamelas de dorso, o aparecimento de duas pontas de pedúnculo lateral e uma ponta de dorso curvo. Não foi possível encontrar qualquer buril, embora em escavação, tivessem sido encontrados cinco resíduos de golpe de buril.

Como já tivemos oportunidade de referir, e podemos constatar da leitura da Quadro 5, as lamelas foram o suporte preferencialmente utilizado para a execução dos utensílios, com as lâminas representadas por dois exemplares: um fragmento proximal e cortical, com 1,90 cm de largura e 0,80 cm de espessura, que apresenta retoque marginal irregular bilateral (tendo sido classificada como 92 a); tendo a outra sido utilizada como suporte para uma raspadeira (ver Fig. 8.1), podendo os seus atributos ser consultados no Quadro 9.

Quadro 9 – Atributos das raspadeiras

<i>Tipo</i>	<i>Fractura</i>	<i>Comp. do suporte</i>	<i>Larg. do suporte</i>	<i>Esp. do suporte</i>	<i>Larg. da frente</i>	<i>Esp. da frente</i>
1a	Partida	1,93	1,65	0,50	1,67	0,51
1b	Inteira	2,52	1,67	0,97	1,55	0,96
2b	Partida	3,04	2,46	0,81	1,70	0,73

Relativamente às lamelas de dorso (os utensílios mais representados, atingindo quase metade da amostra), o Quadro 10 mostra-nos os seus atributos. Das 18 peças aqui inventariadas, somente três são parcialmente corticais, repartindo-se o retoque da seguinte maneira: quatro lamelas têm retoque bilateral e 14 só num dos bordos. De um modo geral, foi aplicado retoque abrupto ou semi-abrupto (15 peças) e nas restantes retoque marginal (três).

Naquelas onde foi possível determinar o perfil, duas apresentam-no direito e quatro côncavo. A secção reparte-se entre a trapezoidal (14) e a triangular (quatro). Nos atributos métricos foi possível determinar a média da largura que se situa nos 0,68 cm e a média da espessura 0,28 cm, valores que não são muito diferentes daqueles que se obtiveram nas dimensões médias das lamelas em bruto.

Quadro 10 – Atributos das lamelas de dorso									
<i>Tipo</i>	<i>Fractura</i>	<i>Bordo* Direito</i>	<i>Bordo* Esquerdo</i>	<i>Tipo de Retoque</i>	<i>Perfil</i>	<i>Secção</i>	<i>Comp.</i>	<i>Larg.</i>	<i>Esp.</i>
85	inteira	total	-	abrupto	côncavo	triangular	1,76	0,57	0,25
85	inteira	parcial	-	abrupto	côncavo	trapezoidal	1,66	0,50	0,17
85	inteira	parcial	-	abrupto	côncavo	trapezoidal	1,27	0,52	0,19
85	proximal	parcial	-	abrupto	-	trapezoidal	-	0,69	0,35
85	proximal	-	total	abrupto	-	triangular	-	0,64	0,33
85	proximal	-	total	abrupto	-	trapezoidal	-	1,00	0,30
85	mesial	total	total	abrupto	direito	trapezoidal	-	0,85	0,51
85	distal	-	total	semi-abrupto	-	trapezoidal	-	1,04	0,52
85	distal	total	-	abrupto	-	trapezoidal	-	0,50	0,19
85f	proximal	-	total	semi-abrupto	-	trapezoidal	-	0,97	0,42
85f	proximal	parcial	-	abrupto	-	trapezoidal	-	0,72	0,37
85f	mesial	-	total	abrupto	direito	triangular	-	0,50	0,27
85f	distal	parcial	total	marginal abrupto	-	trapezoidal	-	0,39	0,19
85f	distal	total	parcial	abrupto semi-abrupto	-	trapezoidal	-	0,36	0,19
90c	inteira	parcial	-	marginal	côncavo	triangular	1,74	0,80	0,27
90c	proximal	total	total	marginal marginal	-	trapezoidal	-	0,60	0,21
90c	proximal	-	parcial	marginal	-	trapezoidal	-	0,68	0,24
90c	proximal	parcial	-	marginal	-	trapezoidal	-	0,62	0,25

*Localização e extensão do retoque

A ponta azilense (ver Fig. 7.15) apresenta o bordo direito curvo com retoque abrupto em toda a sua extensão, o perfil torcido e a secção trapezoidal, com as seguintes dimensões: comprimento 1,69 cm, largura 0,72 cm, espessura 0,29 cm.

As duas pontas de pedúnculo lateral recolhidas (ver Fig. 7.1 e 7.2), são mediterrâneas, com dorso. Uma delas está completa (Fig. 7.1) e à outra falta somente a extremidade distal, tendo o comprimento total sido calculado por estimativa (Fig. 7.2). Em comum, estas duas pontas têm: o perfil côncavo, a secção trapezoidal e o pedúnculo obtido por retoque abrupto. Os restantes atributos estão representados no Quadro. Foi ainda identificada, entre os fragmentos, uma peça que poderá pertencer a este tipo.

Quadro 11 – Atributos das pontas de pedúnculo lateral

	<i>Retoque abrupto</i>	<i>Suporte</i>	<i>Comp.</i>	<i>Comp. do pedúnculo</i>	<i>Larg. da junção</i>	<i>Larg. média</i>	<i>Esp. média</i>
Fig.12.1	Bordo esquerdo total/ Bordo direito parcial/	Lamela parcialmente cortical	2,22	0,59	0,58	0,61	0,29
Fig.16.11	Bordo esquerdo total/	Lamela não cortical	2,90	0,85	0,74	0,80	0,40

A partir dos dados apresentados e apesar de não estarmos perante um contexto absolutamente selado, como já referimos aquando da análise da dispersão dos materiais e do processo de formação deste depósito, a evidência material permite-nos colocar duas hipóteses:

- este local teve somente um momento de ocupação no Paleolítico Superior, durante o Solutreo-Gravettense, de que são fósseis-directores as duas pontas crenadas de dorso, e em que facilmente se incluem também as lamelas e pontas de dorso; seguiu-se uma esparsa ocupação do Neolítico Antigo, à qual correspondem as cerâmicas incisas, e com cordões plásticos;

- poderá ter havido uma segunda ocupação paleolítica, durante o Magdalenense final, indiciado pela ponta de dorso curvo, mas os processos de formação do depósito, algo problemáticos, misturaram as duas ocupações e dificultam a distinção dos materiais líticos que pertencem a cada um dos períodos, uma vez que o fundo comum da utensilagem é bastante idêntico.

O facto de em Portugal não haver até ao momento contextos do Solutreo-Gravettense bem documentados dificulta uma opção clara por qualquer destas hipóteses. No entanto, as características da indústria lítica da Vala (onde se verifica a associação entre pontas crenadas de retoque abrupto, de reduzidas dimensões, e lamelas de dorso, o domínio das lascas, e o reduzido comprimento das lamelas brutas, cerca de 2,02 cm), são muito semelhantes às que ocorrem no Nível Solutrense I de Cueva Ambrosio (Ripoll López, 1986, p. 55-71 e 155-158), ao qual o autor atribui uma cronologia do Solutreo-Gravettense. O mesmo se aplica a Mallaetes, onde a indústria do Solutreo-Gravettense se caracteriza pelo elevado número de lamelas de bordo abatido e o aparecimento de alguns geométricos.

De facto, Zilhão (1997, vol. 2, p. 224) coloca pela primeira vez a hipótese da existência em Portugal de um Solutreo-Gravettense a partir dos vestígios materiais encontrados no Caldeirão, Salemas e Olival da Carneira. No Caldeirão foram recolhidas na camada Fa (uma) e base da camada Eb (três) pontas crenadas de dorso de tipo mediterrâneo e uma ponta de zagaia de secção circular e ranhura longitudinal (na camada Fa) que é idêntica a uma peça recolhida no Solutrense I de Cueva Ambrosio. No Olival da Carneira (Zilhão, 1997, vol. 2, p. 559-569), foram recolhidas duas pontas de dorso de tipo mediterrâneo e a revisão da indústria lítica de Salemas (Zilhão, 1997, vol. 2, p. 647-662) permitiu a identificação de mais um exemplar.

Estas pontas distinguem-se das suas congéneres solutrenses por os bordos e o pedúnculo lateral (na extremidade basal), serem obtidos por retoque abrupto, e por serem mais pequenas – com um comprimento médio de 2,81 cm - (Villaverde Bonilla e Peña Sánchez, 1981). Ora, as duas pontas de pedúnculo lateral encontradas na Vala (cujos comprimentos são 2,22 e 2,90 e apresentam os bordos com retoque abrupto) correspondem plenamente aos dados que existem para a região valenciana de Espanha, onde este período está bem representado por exemplo, em Parpalló (Aura Tortosa, 1989), Les Mallaetes (Villaverde Bonilla e Marti Oliver, 1983) e Cueva Ambrosio (Ripoll López, 1986).

Segundo Fortea et al. (1983), no início do Solutrense Superior assiste-se a um processo de “desolutreanização” que se traduz no aparecimento de “pontas à cran” de diversas formas, verificando-se progressivamente a queda dos retoques planos e das pontas de pedúnculo lateral e aletas, face a uma preponderância dos retoques abruptos. É a esta transformação, presente no registo arqueológico de Parpalló e Les Mallaetes, que se atribui a designação de Solutreo-Gravettense.

Do ponto de vista cronológico, não dispomos até ao momento de datações directas para os contextos destas peças. Segundo Zilhão (1997, vol. 1, p. 72), poder-se-á atribuir uma cronologia entre 18000-16000 BP, entre o fim do Solutrense e o início do Magdalenense, a partir das datas obtidas em Parpalló, onde foi possível datar o Solutrense Superior (ou Solutrense Evoluído I) em 18080 e 850 - 750 BP e o Magdalenense Inicial (Secção III do Magdalenense de Parpalló) em 13800 \pm 380 BP.

Assim, e a partir dos dados apresentados, pensamos que a primeira hipótese será a mais provável, havendo portanto uma ocupação do Solutreo-Gravettense à qual se segue uma ocupação do Neolítico Antigo. As pontas de dorso curvo, embora abundantes nas indústrias do final do Paleolítico Superior, não têm carácter de fóssil director absoluto, e podem ocorrer em épocas anteriores, não sendo anómala a presença de uma peça deste tipo em contexto solutreo-gravettense.

Até ao momento, e como se pode constatar pela consulta das cartas arqueológicas do Algarve, embora se conheçam materiais de tipologia paleolítica, eles tinham sido sempre encontradas sem contexto. Tem sido através de trabalhos recentes (Quelhas, 1998), que foi possível detectados novos sítios, sendo a Vala a primeira jazida do Algarve com ocupação (ou ocupações) do Paleolítico Superior registada em estratigrafia.

Tal como tem acontecido no Vale do Côa, onde até há pouco tempo não se conheciam sítios deste período, também no Algarve a continuação dos trabalhos de prospecção e escavação permitirá certamente conhecer o povoamento desta região durante o Paleolítico Superior.

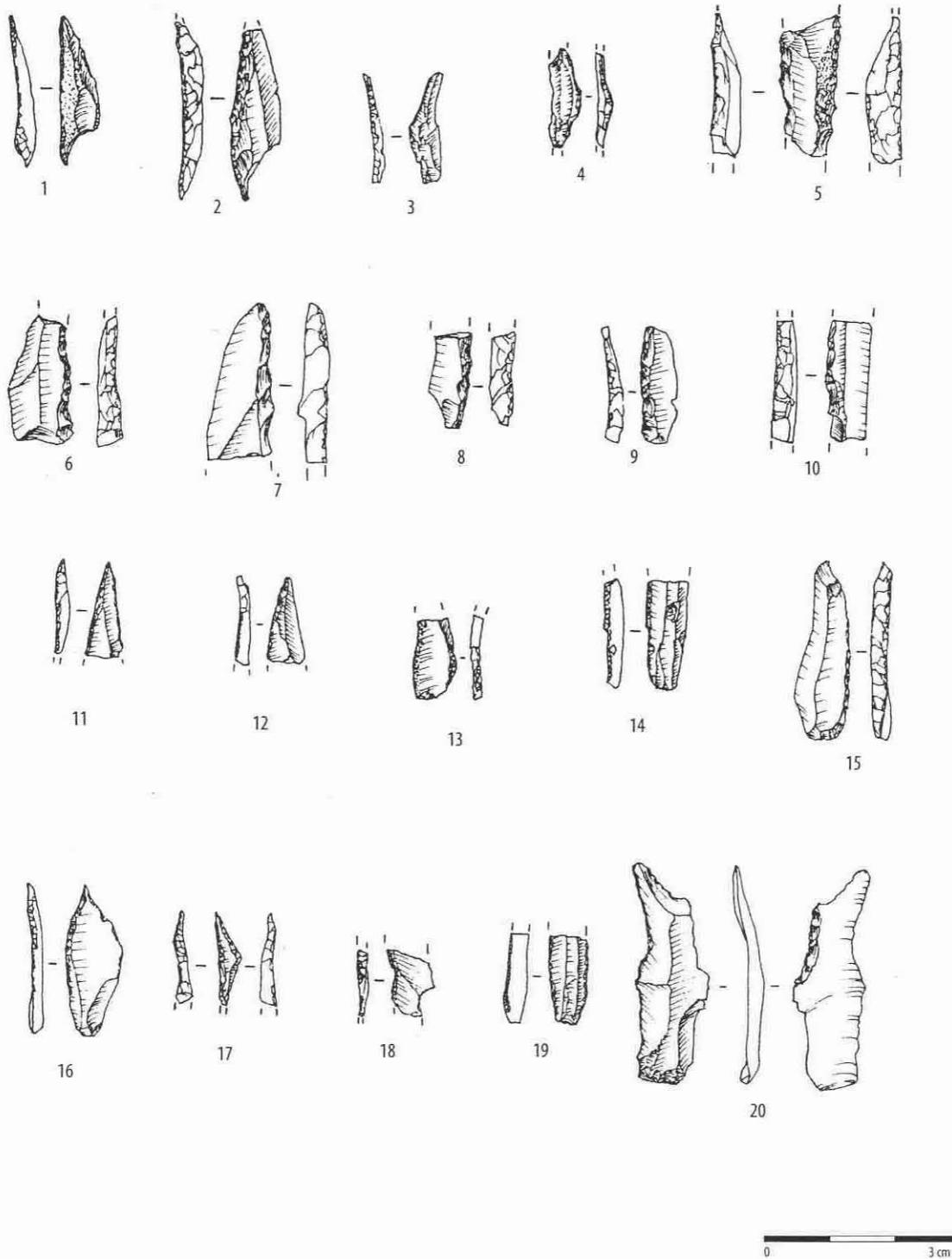


Fig. 7 Indústria lítica

1 e 2 - Ponta de pedúnculo lateral; 3 a 10 - Lamelas de dorso abrupto. 11 e 12 - Fragmento terminal de lamela pontiaguda de dorso rectilíneo; 13 e 14 -Lamelas de dorso marginal; 15 - Ponta Azilense; 16 - Microfurador; 17 - Fragmento de lamela de dorso; 18 - Fragmento de utensílio com retoque abrupto 19 - Lamela retocada neolítica; 20 - Lamela de retoque descontínuo alternó. (Todos em sílex). (Desenhos de Katherine Monigal e Sergei Tatartsev).

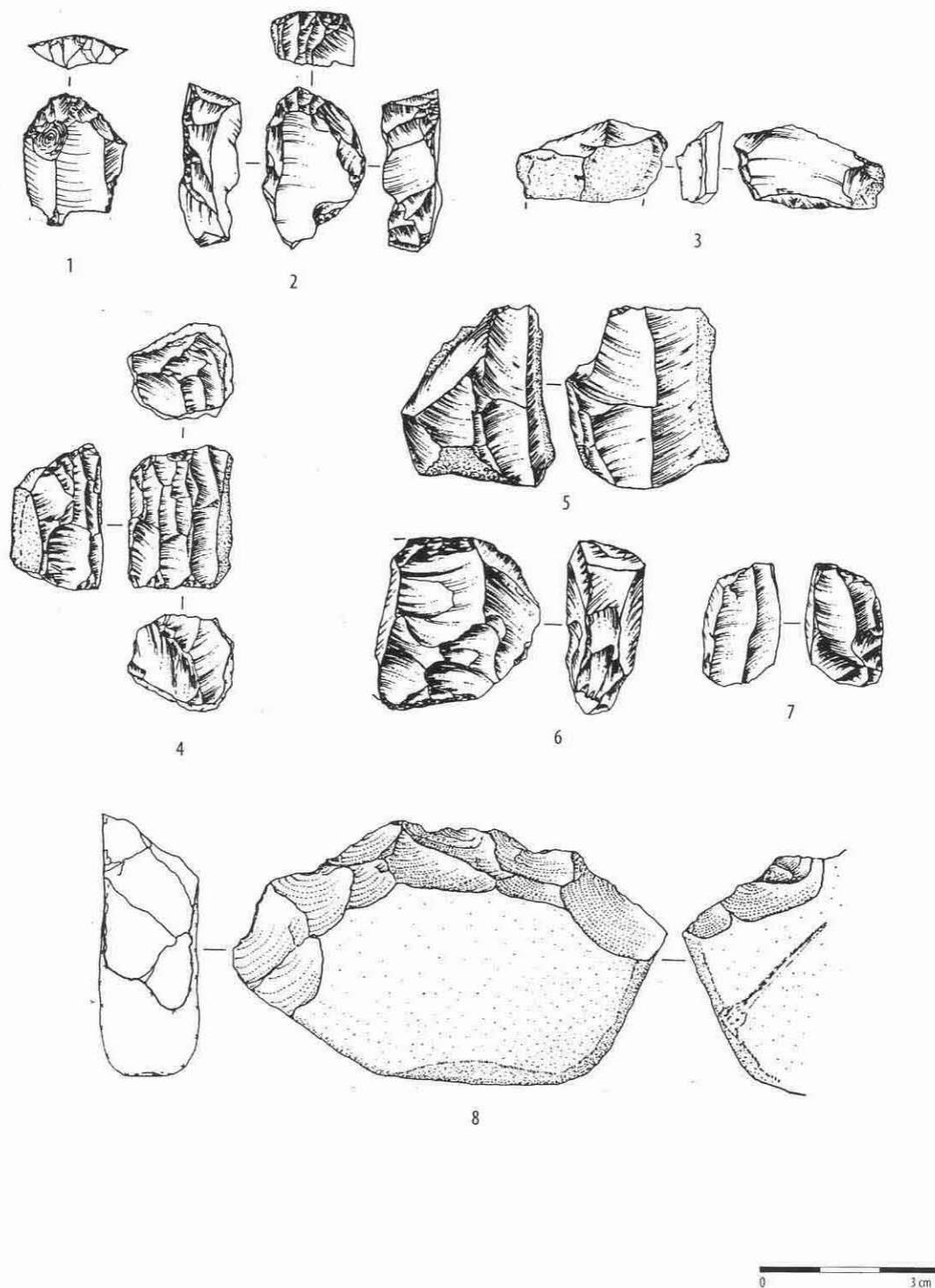


Fig. 8 Indústria lítica e núcleos

1 - Raspadeira simples sobre extremo de lâmina (em sílex); 2 - Raspadeira simples sobre extremo de lasca (em sílex); 3 - Fragmento de peça retocada (em sílex); 4 - Núcleo prismático com 2 planos de percussão opostos (em sílex); 5 - Núcleo prismático com planos de percussão múltiplos (em sílex); 6 - Núcleo sobre lasca (em sílex); 7 - Núcleo prismático com 2 planos de percussão alternos (em sílex); 8 - Seixo Talhado (em filito). (Desenhos de Katherine Monigal e Sergei Tatartsev).

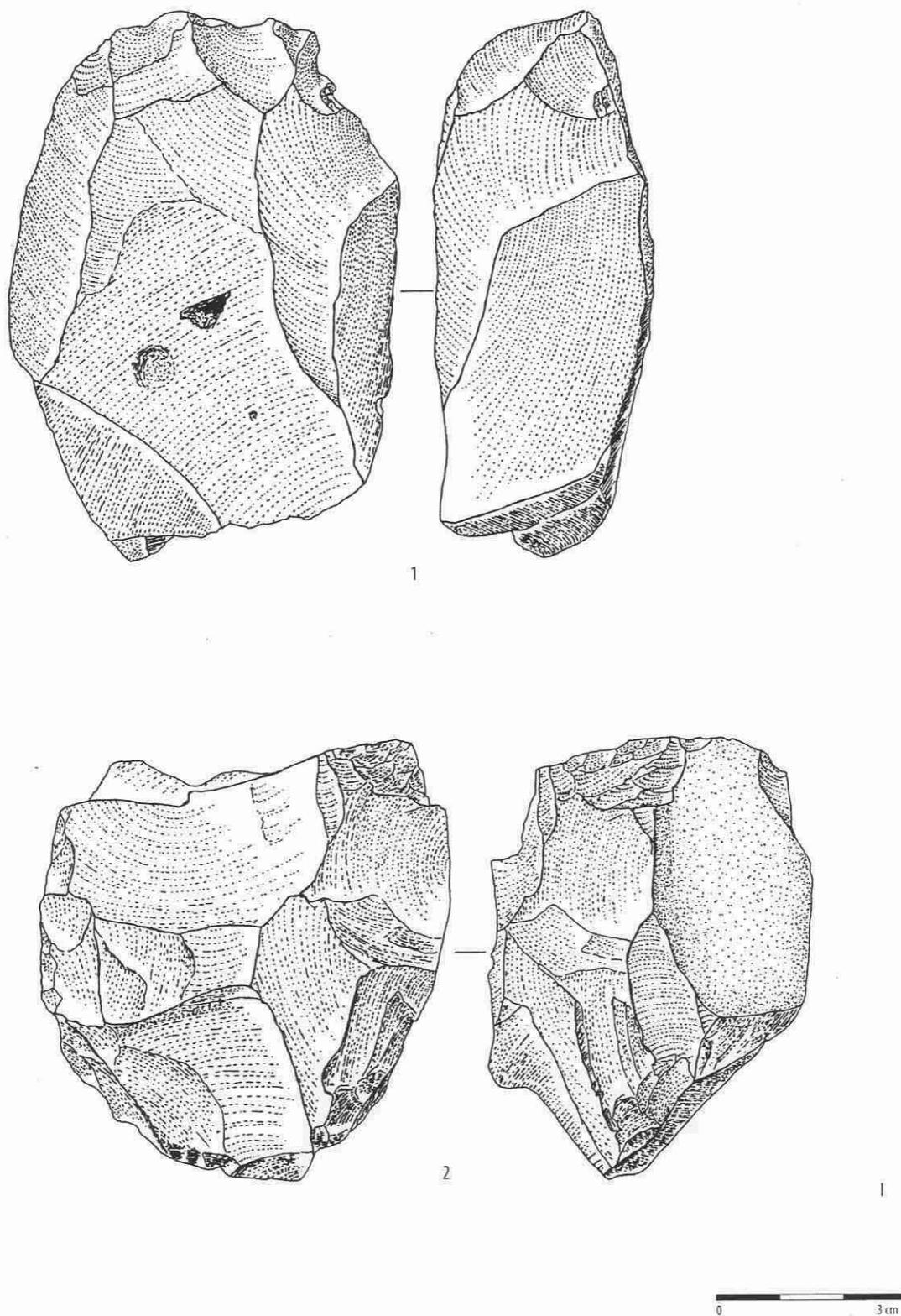


Fig. 9 Núcleos
1 - Sobre lasca ; 2 - Informe. (Ambos em quartzito). (Desenhos de Katherine Monigal e Sergei Tatartsev).

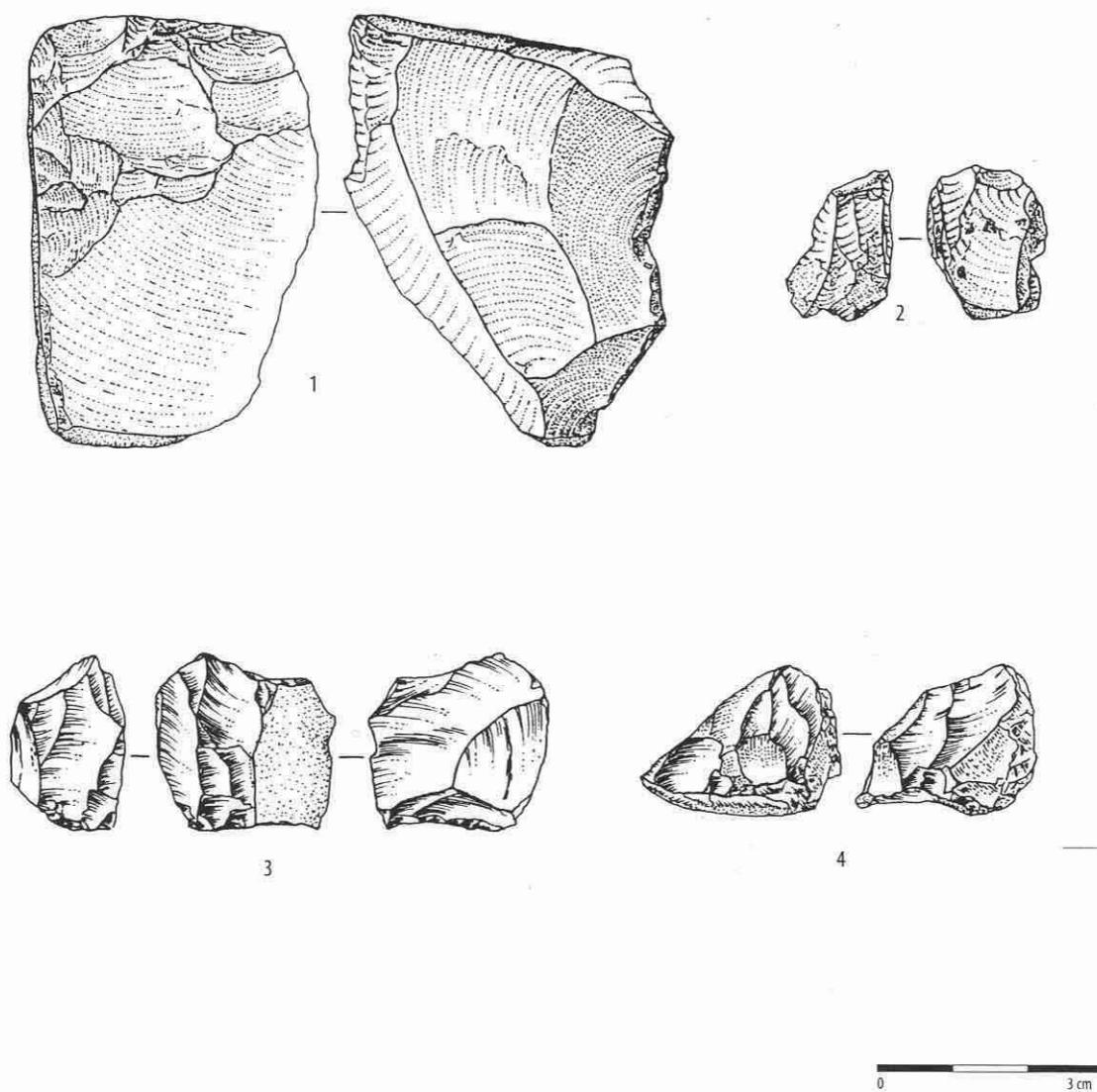


Fig. 10 Núcleos

1 - Informe (quartzito), 2 - Flanco de núcleo (em sílex); 3 - Prismático com 2 planos de percussão opostos (em sílex); 4 - Informe (em sílex). (Desenhos de Katherine Monigal e Sergei Tatartsev).

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F. (1998) - O povoamento pré-histórico no Vale do Côa. Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). In *Foz Côa, Ano 2000. Cultura e Património. Freixo de Numão, 1997*. In *Côa Visão. Cultura e Ciência*, 0, p.23-34.
- AURA TORTOSA, J. E. (1989) - Solutrenses y Magdalenenses al Sur del Ebro. Primera aproximación a un proceso de cambio tecnológico industrial. El ejemplo de Parpalló. *Saguntum*. Valencia. 22, p.35-65.
- Carta Arqueológica do Algarve. Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim, Alcoutim*. Lisboa: IPPAR. (1995).
- Carta Arqueológica do Algarve. Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel*. Lisboa: IPPAR. (1995).
- Carta Geológica de Portugal, esc:1/50000-52-B. Notícia explicativa da folha 52- A Portimão (1983). Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.
- Carta Geológica de Portugal, esc: 1:200000. Notícia explicativa da folha 7. (1984) Oliveira, J.T.(coord.). Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.
- COSTA, J. B. da (1985) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 7ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.160-163.
- DEMARS, P.-Y.; LAURENT, P. (1992) - *Types d'outils lithiques du Paléolithique Supérieur en Europe*. Paris: Presses du CNRS.
- FORTEA, J.; FULLOLA, J.M.; VILLAVARDE, V.; DAVIDSON, I.; DUPRÉ, M.; FUMANAL, M.P. (1983) - Schéma paleoclimatique, faunique et chronostratigraphique des industries à bord abattu de la région méditerranéenne espagnole. *Rivista di Scienze Preistoriche*. 38:1-2, p.21-67.
- GOMES, M.V.; MONTEIRO, J. P. P.; SERRÃO, E. da C. (1978) - A estação pré-histórica da Caramujeira. Trabalhos de 1975/75. In *Actas das III Jornadas da AAP*. Lisboa, p.35-72.
- PELLICER, M.; ACOSTA, P. (1981) - El Neolítico Antiguo en Andalucía Occidental. In *Colloque Neolithique Ancien*. Montpellier, F.A.H., p.49-60.
- QUELHAS, A.; ZAMBUJO, G. (1998) - Jazidas paleolíticas no concelho de Lagos (Algarve): abordagem preliminar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.1:2, p. 5-18.
- RIPOLL LÓPEZ, S. (1986) - *El Solutrense de Cueva de Ambrosio (Velez-Blanco, Almería, Campaña de 1963)*. Excavaciones Arqueológicas en España. Madrid: Ministerio de Cultura.148.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.-L.; ROCHE, H.; DAUVAIS, M. (1982) - Préhistoire de la pierre taillée. Terminologie et technologie. Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques. I.
- VILLAVARDE BONILLA, V.; MARTÍ OLIVIER, B. (1984) - *Paleolític i Epipaleolític: Les Societats Caçadores de la Prehistòria Valenciana*. Valencia: Servei d'Investigació Prehistòrica de la Diputació Provincial de València.
- VILLAVARDE BONILLA, V.; PEÑA, J. L. (1981) - *Piezas com escotadura del Paleolític Superior Valenciano*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica (Serie de Trabajos Varios; 69).
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V.; LEITÃO, M.; NORTH, C.T.; NORTON, J. (1981) - Nouvelles données sur le Neolithique Ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 67, p. 301-311.
- ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Colibri.